

## O Bibliotecário 2.0 e a Emergência de Novos Perfis Profissionais

*Librarian 2.0 and the Emergence of New Professional Profiles*

por [Brasilina Passarelli](#)

**Resumo:** Resultados parciais de pesquisa de pós-doutorado realizada em 2008 no contexto de um projeto acadêmico binacional (Espanha/Brasil) financiado pela CAPES são apresentados. A pesquisa original contempla o estado da arte acerca das redes sociais e das novas formas de aprender e produzir conhecimento complementada pelo mapeamento das novas competências necessárias ao bibliotecário para atuar neste contexto. A pesquisa de campo compreende o mapeamento das grades curriculares da graduação em biblioteconomia das Universidades proponentes: *Universidad Carlos III* (Madrid) e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, USP (Brasil) bem como estudo exploratório qualitativo com bibliotecários atuando como gestores da informação em organizações transnacionais, na Espanha e no Brasil. Neste artigo concentram-se as reflexões reunidas no estado da arte que desenham os contornos das redes sociais, dos coletivos digitais e seus impactos nas novas formas de aprender e produzir conhecimento. A reboque deste cenário são introduzidas as novas competências necessárias aos bibliotecários para atuar como gestores da informação em organizações contemporâneas.

**Palavras-chave:** Ciência da informação, Redes sociais, Competências, Bibliotecário, Grades curriculares, Estudo exploratório.

**Abstract:** Abstract: Partial results of a post-doctoral research developed with CAPES financial support for multinational academic research in Madrid-Spain 2008 are introduced. The original report presents the state of the art on social networks and new ways of learning and producing knowledge complemented by a mapping on the new competencies that librarians should have to act in this scenario. The applied research methodology considers a comparison among the undergraduate curriculum of both proponent universities: Carlos III of Madrid and School of Communication and Arts at the University of São Paulo, Brazil followed by a qualitative study with librarians working as information managers in transnational organizations in Spain and Brazil. This paper presents as the state of the art reflexions on the emerging WEB society, social networks, digital collectives and their impact on learning and the process of knowledge production. As a result of this contemporaneous condition a set of new competencies required for librarians to act as information managers are introduced.

**Key words:** Social medias, Librarian work, Social networks, Competencies, Exploratory research.

### A Teia que a Todos Envolve

Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa de pós-doutorado realizada de agosto a dezembro de 2008 em Madrid, Espanha no contexto de um projeto acadêmico financiado pela CAPES [1]. A pesquisa original pretendia realizar um mapeamento das competências necessárias ao profissional da informação na sociedade em rede contemporânea considerando como principais etapas metodológicas a revisão da literatura sobre o tema; um estudo comparativo das grades curriculares das universidades proponentes da pesquisa, Universidade Carlos III Madrid e Universidade de São Paulo. A seguinte etapa metodológica consiste em estudo exploratório com pesquisa de campo acerca das atuações de bibliotecários como gestores da informação, em organizações transnacionais, na Espanha e no Brasil. Entretanto, somente pôde ser realizado até o momento a parte espanhola do estudo exploratório, embora a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES já tenha aprovado a realização da parte Brasil com início previsto no segundo semestre de 2009.

Desta forma o presente artigo apresenta a partir do relatório original da pesquisa [2] o estado da arte das novas competências e perfis profissionais do bibliotecário na sociedade em rede contemporânea com o intuito de contribuir para iluminar seus contornos emergentes, porém globais. No contexto deste estudo abarcando as realidades do mercado profissional espanhol e brasileiro a questão da internacionalização universitária emerge como um dos desafios brasileiros no que diz respeito à adoção de novos métodos e práticas na educação acadêmica. Países europeus já articulam sua educação ao redor de criar um espaço comum de qualidade e de desenvolvimento profissional de seu corpo discente, dotando-os de capacidade crítica e visão globalizada capacitada ao enfrentamento das exigências do mercado de trabalho.

Na Europa, o [Protocolo de Bolonha](#) objetiva uma estrutura comum e integrada para graduação e pós-graduação universitária, conferindo maior intercâmbio entre a comunidade acadêmica. Este Protocolo visa estimular a maior mobilidade e conseqüente diminuição da distância entre as universidades, a formação de profissionais competitivos e a conseqüente geração de um quadro europeu de referência. Neste processo, os currículos se apresentarão mais focados na aprendizagem e aquisição e desenvolvimento de competências requeridas pelo mercado de trabalho além da possibilidade de dupla titulação.

No Brasil a internacionalização adquire contornos ainda incipientes e de grandes desafios. Desta forma, ações de cooperação internacional como a representada pelo convênio gerador desta pesquisa são fundamentais para garantir o intercâmbio de conhecimento, de experiências e propiciar o diálogo cultural e intelectual, colaborando para a implementação de projetos piloto que podem, no futuro, consolidar a internacionalização das universidades

brasileiras em moldes próprios porém compatíveis com a experiência internacional contemporânea.

## A WEB 2.0 e as Redes Sociais

Os conceitos *fundacionais* para a sociedade em rede contemporânea foram lançados por diversos autores em diferentes momentos. O cientificismo impera no século XIX e primeiras décadas do século XX, iluminando os novos contornos da sociedade forjados na circulação das idéias e descobertas científicas, criando as bases para a informação como bem fundamental para o desenvolvimento humano e a qualidade de vida.

[Paul Otlet](#) (1868-1944), advogado belga, foi um pioneiro estudioso da informação e fundador do que hoje se denomina Ciência da Informação, mas que ele chamou de Documentação. Por cerca de 40 anos, entre o final do séc. XIX e os primórdios do séc. XX. Otlet perseguiu o ideal (*desde sempre inatingível*) do controle universal da produção intelectual humana. Para tanto concebeu um novo sistema de classificação do conhecimento ao qual denominou CDU (*Classificação Decimal Universal expandindo a já existente Classificação Decimal de Dewey*). Também concebeu e inaugurou um museu, em 1910, para abrigar as fichas catalográficas das obras produzidas e editadas mundialmente o qual, por sua vez, foi batizado de Mundaneum. Em sua incansável missão de inventar o futuro cunhou os termos: *link, web of knowledge e repository of knowledge*. Otlet inspirou autores que o sucederam como [Vannevar Bush](#) com o seu [Memex](#) - artefato que criaria conexões nos documentos a exemplo do cérebro humano e [Theodore Nelson](#) que, inspirado em suas propostas, cunhou o termo Hypertext (hipertexto). (Passarelli, 2008) [3].

O mundo vislumbrado por Otlet despontou em meados do século XX. Originou-se mais ou menos no fim dos anos 60 e início dos 70, na coincidência histórica de três processos independentes: revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo com a conseqüente reestruturação de ambos e apogeu de movimentos sociais e culturais, tais como libertarismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. (Castells, 2003). [4]

O hipertexto e a multimídia inauguram o retorno à oralidade, ao mesmo tempo em que instituem uma narrativa não-linear, de imagens densas e fragmentadas, povoadas de animações, vídeos digitais e arquivos sonoros. Em 1989 o cientista britânico [Tim Berners-Lee](#), então pesquisador do CERN - the [European Organization for Nuclear Research](#), estendeu a visão de Otlet e desenvolveu a Internet como uma ferramenta acadêmica que permitiria aos cientistas compartilhar informações. Processos que antes levavam meses a partir da Internet são realizados em horas. Na “*ansiedade*” do instantâneo digital surge a cibercultura (*tecido social virtual construído nas teias da Internet por todos os sujeitos a ela conectados*) baseada em dois pilares: a comunicação humana *virtualizada* e a criação de comunidades virtuais, que teve como embrionários os estudos efetuados por Rheingold (1993). [5]

Valores, linguagens, tecnologias e processos que tecem as teias da complexidade que permeia a vida dos humanos na sociedade em rede, na qual o conhecimento ganhou o patamar de commodity. Nesta teia convivem saberes e competências da sociedade moderna e pós-moderna em perfeita incompletude e transitoriedade apontando para duas vertentes: a cognitiva na qual os grandes avanços referentes ao funcionamento do cérebro estão forjando novas teorias e metodologias de aprendizagem e a científico-tecnológica na qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) permeiam todas as dimensões da vida (PASSARELLI, 2007) [6] conforme apresentado no vídeo [A vision of students today](#)

Gestado nas entranhas da Internet, o fenômeno da globalização dos mercados eclodiu na economia mundial instituindo a economia digital, caracterizada pela *desintermediação* dos mercados, pela instantaneidade das ações e decisões e pela queda dos ciclos de vida dos produtos e conhecimentos. De forma crescente, a partir de meados da década de 80 com a introdução do microcomputador pessoal e , mais fortemente a partir dos anos 90, com a popularização da Internet, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) alavancam o desenvolvimento de novos conceitos e saberes tais como *digital literacy* (*literacia ou alfabetização digital*) e *information literacy* (*literacia ou alfabetização informacional*).

Literacia Informacional têm constituído, nos últimos cinco anos, novo campo de pesquisa que interessa à educação, à ciência da informação e às ciências cognitivas. O desafio está em, num primeiro momento, aprender a utilização básica dos recursos tecnológicos (*literacia digital*) e a seguir apropriar-se dos mesmos para gerar novos conhecimentos (*literacia informacional*). Entretanto esta apresentação reducionista de ambas as formas de literacia gestadas no bojo da sociedade em rede não dá conta de delinear as profundas rupturas imersas nas mesmas.

Vale ressaltar que no contexto da *literacia informacional* os desafios são múltiplos e multifacetados abarcando pelo menos: a dificuldade das bibliotecas universitárias com suas coleções caríssimas em concorrer com os acervos digitais , as bibliotecas virtuais e os motores de busca tipo Google com as informações sendo oferecidas a “custo zero” e de imediato [7]; a desconstrução do conceito de autor individual e a emergência dos coletivos digitais (*copyright X copyleft*); a “nova” valoração das fontes de informação onde a [Enciclopédia Britânica](#) e a [Wikipedia](#) competem, em pé de igualdade, por acessos na Web bem como as novas competências que os bibliotecários precisam desenvolver para atuar como gestores da informação em ambientes virtuais em rede.

A importância das redes sociais com o fenômeno emergente dos coletivos digitais como autores e consumidores da informação e produtores de conhecimento introduz profundas rupturas nos papéis tradicionais de editores e bibliotecários, de tal forma que atualmente é difícil diferenciar se um conteúdo está editado por uma editora ou se é uma auto-edição na Web 2.0. Em Horrigan (2007) [8] encontram-se dados que demonstram que os usuários visitantes da Wikipedia e [YouTube](#) possuem entre 18 e 24 anos ao passo que os produtores de conteúdo em ambos os sites possuem entre 45 e 54 anos (*Wikipedia*) e 35 a 44 (*Youtube*). Estes resultados indicam que a produção de conteúdo na Web, em 2007 concentrava-se nas mãos de uma população mais madura e com maior grau de literacia informacional. Entretanto novas pesquisas precisam ser realizadas, agora, para verificar se a tendência se confirma ou se dissipa. Inserir manifesto de [Laura Cohen 2006 intitulado Librarian 2.0](#).

Os novos contornos da sociedade em rede têm constituído objeto de estudo e pesquisa para profissionais das mais diferentes áreas de atuação como filósofos, economistas, cientistas sociais, cientistas da computação, para citar alguns. Destacarei, a seguir, algumas contribuições relevantes para o entendimento da nova ordem social na qual nos encontramos submersos.

Os filósofos Deleuze e Guattari (1995) [9], em *Mil Platôs*, postulam que a sociedade em rede também pode ser vista através da metáfora do [rizoma](#), uma vez que não seguem uma ordem planejada e crescem de maneira caótica, disforme, incontrolável, trazendo em seu bojo o conceito de conectividade e expansão contínua. Bruno Latour, antropólogo e filósofo francês, desde a década de 80 desenvolveu conceitos que ajudam a iluminar os contornos sem fronteiras da sociedade pós-moderna neste novo século. Ele criou conceitos como a “*Teoria do ator em rede*” (Latour, 2005) [10], onde postula pensar a realidade comunicativa nos contextos de rede onde a mediação tem papel preponderante. Também é dele a idéia da realidade *sociotécnica* (Latour, 2008) [11], para identificar a transição de um modelo epistemológico de separação entre os campos das disciplinas (proposto pelo antigo projeto da modernidade) para a complexidade do [imbricamento](#) entre ciência, técnica, filosofia, agir social, crítica e construção de pensamento. Desta forma a rede permeia nossas formas de conhecer, de produzir e compartilhar conhecimentos e relações. Outro conceito seminal é introduzido por Bauman (2001) [12] considerando que a globalização trouxe uma “*modernidade líquida*” instituída pela não-territorialidade das transações político-econômicas e pela fluidez das informações sem barreiras unindo diferentes povos, regiões e etnias.

Na esteira dos estudos sobre globalização emerge o trabalho internacionalmente reconhecido de outro pensador da sociedade em rede, Manuel Castells [13], economista espanhol radicado na Califórnia desde 2003. Castells destaca a explosão dos coletivos digitais a partir das ferramentas da WEB 2.0 que permite a produção coletiva, a publicação e a edição de conteúdos, processo ao qual ele denominou *mas-self communication* (Castells, 2007) uma vez que as redes passaram a ser geradoras de conteúdo delas mesmas, constituindo-se em organizações autônomas de produção de conteúdos.

Os processos colaborativos na Web foram pioneiramente relatados por Rheingold (2002) [14] com seu livro [Smart Mobs](#) exemplificando inúmeros casos em que a multidão inteligente e conectada protagonizou movimentos políticos e sociais impensáveis fora do contexto da Web e das tecnologias de cooperação como os celulares. Hábitos de escrita digital foram denominados de Geração “Txt” ao passo que denomina-se Geração “C” (*Content Generation*) os *early adopters* a partir de meados dos 90. (Passarelli, 2009) [15].

A reboque da globalização dos mercados, das descobertas da ciência cognitiva e da amplidão da cibercultura, o mundo da educação viu-se obrigado a revisitar teorias e práticas de aprendizagem e a desenvolver ações de educação inclusiva por meio, principalmente, da inclusão digital de professores e alunos (*iniciada nos países desenvolvidos a partir dos anos 80 e, nos países em desenvolvimento, a partir da segunda metade da década de 90*). Este processo doloroso de mudança, vivenciado pelas universidades e seus principais atores (*professores, alunos, corpo administrativo*) alastra-se para além de seus muros permeando país, parentes e comunidade próxima desembocando num movimento contínuo de fluxo e refluxo na sociedade.

### **Tecendo Futuros: A Web 10.0**

A geração Web 2.0, entre nós nos últimos cinco anos, caracteriza-se por redes sociais e [folksonomias](#) (*sites onde os usuários agregam valor a conteúdos com valoração pessoal*) a exemplos de ferramentas como: [YouTube](#) (*site para compartilhamento de vídeos*); [MySpace](#) (*site de relacionamento com blog, forums, email, grupos, jogos e eventos*) e [Bebo](#) (*site de relacionamento que mais cresceu nos EUA em 2006, aliando indicações dos mais diversos produtos feitas pelos usuários*). A Web 3.0 foi também denominada Web Semântica por Tim Berners-Lee, ao final dos anos 90, para denominar uma web com maior capacidade de busca e auto-reconhecimento dos conteúdos através de metadados com descrições ligados aos conteúdos originais. Pesquisas nesta direção vêm sendo desenvolvidas, desde então, nos mais renomados laboratórios acadêmicos e em empresas de tecnologia. Entretanto a indexação automática de conteúdos ainda se encontra longe das possibilidades que os teóricos crêem possível. (Passarelli, 2007).

Nos anos noventa a Web ganhou novos contornos e se expandiu exponencialmente no mundo ocidental. Sua penetração tem sido tamanha que em recente evento ocorrido em novembro de 2008, [Web Summit 2.0](#), em San

Francisco/CA, Kevin Kelly [16], o primeiro editor da [revista Wired](#) (*um dos mais importantes periódicos não-científicos de Tecnologia Digital*), proferiu uma palestra intitulada Web 10.0, onde apresenta previsões sobre o futuro da Web. Afirma o autor que “*naquele dia fazia 6.527 dias que Tim Berners-Lee havia colocado a primeira página Web no ar*”. Lembrou que, antes da criação da Web, a internet permitia que as pessoas compartilhassem computadores.

Com a invenção de Berners-Lee teve início o compartilhamento de documentos e idéias, com os links entre as páginas. A Web 2.0 expandiu o compartilhamento de conteúdos e idéias. A partir daí, ele falou dos próximos 6.500 dias da Web. Segundo Kelly (2008), da mesma forma que a internet é a rede das redes, ela é também a mídia das mídias, para onde todos os suportes convergem. A internet está se tornando uma só máquina, em que se ligam todas as telas e um só banco de dados. “*A informação que não for compartilhada perderá a importância*”, disse Kelly. Ele acrescentou que todos os objetos que carregam alguma informação estarão conectadas à rede e farão parte desse banco de dados global. E, com isso, a rede passará a ser o mundo. Kevin Kelly argumenta que os primeiros 6.500 dias da web mostraram que o impossível acontece: “*A Wikipédia é impossível na teoria, mas não na prática*”.

Para David Weinberger (2007) [17], a liberdade de ação na Web instituiu um poder de criar e organizar conteúdos e saberes, segundo critérios próprios de classificação e ordem, através de *tags*, *bookmarks*, *playlists* e *weblogs*. E, ao agregar a informação que os sites nos fornecem, ao mesmo tempo estamos desagregando, segundo nossos próprios critérios. Colocando de forma simples, os donos da informação não mais são donos da organização da informação, muito menos os empresários donos dos veículos de comunicação e tampouco os bibliotecários de tradição patrimonialista. Hoje o acesso é mais importante que o acervo e a subjetividade na rede constitui um espaço de possibilidades para conversações e intervenções sociais.

A infraestrutura tecnológica das redes pressupõe investimento contínuo. Por outro lado sua demanda constitui indicador da riqueza de um país. No Brasil, em 2008, o número de telefones móveis cresceu 22,9% comparado a 2007, chegando a 711 terminais por mil pessoas [18]. O total de computadores avançou 22,6% alcançando 213 unidades por mil pessoas. Na América Latina o País está em quinto lugar entre os seis no Índice da Sociedade da Informação (ISI), medido pela Universidade de Navarra e pela consultoria espanhola Everis. O cálculo do [Índice da Sociedade da Informação](#) leva em conta fatores tecnológicos como investimentos no setor e número de telefones e computadores, e de entorno, como inflação, risco país, renda per capita, eficiência energética e desemprego. Apesar de estar em quinto lugar o País teve o maior avanço no Índice da Sociedade da Informação com um aumento de 4,1% na pontuação, acima da média de 1,8% da América Latina.

O desenvolvimento das redes de comunicação, as interações por meio delas geram impactos no trabalho, na aprendizagem e nas atividades sociais, esboçando a necessidade de novas competências dos profissionais e dos alunos. Há uma nova maneira de aprender e de compartilhar conhecimento que transforma a economia e a sociedade. Lançado em 2008 o NeoReader é um site brasileiro que permite compartilhar conteúdos impressos digitalizados. A idéia foi oferecer um serviço para textos semelhante ao que o Flickr é para fotos e o YouTube para vídeos. As pessoas podem publicar gratuitamente arquivos em PDF, Word, Excel e Powerpoint. Algumas empresas já usam o serviço, como a Livraria Cultura com sua revista ou a Cobertores Parahyba com seu catálogo. Até agora, os fundadores Anderson Mancini e Rodrigo Zanforlin investiram cerca de R\$ 500 mil no site. O NeoReader recebe, em média, 5 mil visitas por mês. Seis pessoas trabalham na empresa, que ainda não definiu seu modelo de negócios [19]. Tais mudanças sugerem que estamos passando por um período de transição geracional cujos hábitos consuetudinários estão se transformando cada vez mais rápido.

Na sociedade globalizada em rede, permeada pelo imediatismo e pela transitoriedade dos eventos, algum tipo de permanência precisa ser criada no bojo das comunidades virtuais, com usuários sendo *fidelizados* através de diferentes estratégias. Neste contexto publiquei em 2007 como livro minha tese de livre-docência intitulada Interfaces digitais na educação: @lucinações Consentidas, considerado um estudo pioneiro sobre aprendizagem em ambientes WEB. De caráter etnográfico, o estudo apresentou como objeto de pesquisa quatro projetos de comunidades virtuais de aprendizagem e prática dedicados a diferentes públicos-alvo, tendo como traço comum a produção coletiva do conhecimento e a aprendizagem centrada na multiplicidade de instâncias de interação e nas mediações dos professores.

Outros desdobramentos desta pesquisa inicial utilizando o método etnográfico para estudar atitudes e comportamentos nas redes sociais constituem meu foco de pesquisa e orientação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação PPGCOM da ECA/USP contemplando a orientação de dissertações de mestrado como: Capital social em comunidades virtuais de aprendizagem e de prática (2007), Globalização e percepções espaço-tempo em comunidades virtuais de aprendizagem: estudo de caso a partir do site TôLigado – o jornal interativo da sua escola (2008), Critérios de reputação em coletivos digitais (2009) e *Literacia* digital: as novas competências dos frequentadores de infocentros em programa de inclusão digital no Brasil (2009). Desta forma a investigação de novas competências e perfis profissionais necessários aos bibliotecários e profissionais da informação integram sinergicamente o rol dos meus objetos de pesquisa.

## As WEBOrganizações e a Gestão do Conhecimento

A maioria das teorias atuais sobre gestão do conhecimento postulam um ciclo do conhecimento com etapas como criação, refinamento e implementação que levam à transformação do conhecimento tácito (*ou prático*) em explícito (*ou discursivo*). Lorna Heaton e James R. Taylor [20] ambos pesquisadores da *Université de Montreal*, desenvolveram pesquisas exploratórias de campo na Dinamarca e no Japão, e a partir delas passam a propor que se alargue a visão do conhecimento como algo a ser individualmente criado e então transmitido. Eles afirmam que o conhecimento origina-se em comunidades de prática, processo anteriormente preconizado por Lave e Wenger (1991) [21].

A chave para o entendimento da geração e compartilhamento do conhecimento, segundo os autores, reside no papel do texto tanto como representação do conhecimento (produto) quanto na forma como as comunidades sustentam sua organização (*processo*). O modelo de criação e disseminação do conhecimento desenvolvido por Nonaka e Takeuchi (1995) [22], que distingue entre conhecimento tácito (*produzido pelo indivíduo*) e explícito (*externalizado em textos ou programas*) tem sido muito usado em organizações, pois somente como conhecimento externalizado os mesmos podem ser recombinados e então transmitidos.

A nova visão proposta por Heaton e Taylor preconiza que o processo de construção do conhecimento acontece no seio da comunidade e reflete o conjunto de práticas da mesma, o que faz do mesmo um processo mais coletivo do que individual (*em oposição ao conceito de conhecimento tácito*). Este alargamento do processo da construção do conhecimento também redefine as relações de poder em organizações, que passam do modelo tradicional hierarquizado top-down para uma relação mais horizontal. Nota-se aqui o mesmo processo de *horizontalização* das relações de poder na WEB anteriormente ressaltadas neste texto.

Os postulados de Heaton e Taylor são reiterados por Beilguelman (2004) [23] que introduz o conceito cibridismo para nomear as produções culturais atuais em uma realidade *on e off-line*. Por *cibridismo* se pode entender a complexidade crescente das estruturas políticas, econômicas e sociais, onde a convivência de contrários constitui lugar-comum. Obras clássicas convivem com produções anônimas; vídeos de autores anônimos no *YouTube* podem se transformar em *hit* comercial, a produção de conteúdos no universo digital desconhece normas e papéis previamente estruturados *remixando* uma nova ordem mundial que emerge a partir da WEB.

## O Profissional da Informação na Sociedade do Conhecimento

O desenvolvimento do trabalho com conhecimento em uma organização está diretamente relacionado ao desenvolvimento estratégico de suas competências. Os papéis de gerenciamento de informações em uma empresa, segundo McGee e Prusak (1994) [24], cabem funcionalmente a dois grupos de informação: a equipe da biblioteca e a equipe da informática. Phahalad e Hamel (1990) [25] formulam o conjunto de competências nucleares (*core competences*) como forma de integração do aprendizado coletivo da organização e coordenação das diversas fases de produção e equipes múltiplas de tecnologias. Especialistas das ciências organizacionais enfatizam as novas competências organizacionais: flexibilidade, inovação, horizontalidade, criatividade, agilidade, compartilhamento de informação, aprendizagem, gestão do conhecimento, planejamento participativo, *empowerment* e estratégia competitiva.

As competências dos profissionais europeus estão descritas no [Guide to Competencies for European Professionals in Library and Information Services](#) e contemplam a adaptabilidade, habilidade analítica, prever ameaças e oportunidades, comunicação, habilidade crítica, mente investigativa, tomada de decisão, saber ouvir, trabalhar em equipe, iniciativa, habilidade organizacional, sensibilidade didática, perseverança, padronização e habilidade de síntese (Aslib consultancy publications, 2004) [26].

O contexto norte-americano para a área, embora diferente do europeu, apresenta diretrizes para a profissão expressos num guia preparado pelo comitê da *University of Nebraska , Lincoln University Libraries* (Avery, 2001) [27]. Este documento reúne competências para atender à compreensão comum das necessidades inerentes a todos os campos de atuação desses profissionais que assim se resumem: habilidades analíticas/solução de problemas/decisão; habilidades de comunicação; criatividade e inovação; proficiência e conhecimento técnico; flexibilidade/adaptabilidade; habilidade interpessoal; liderança; compreensão organizacional e pensamento global; domínio/responsabilidade/confiança; habilidade organizacional e de planejamento; administração de recursos; *proatividade* em relação às necessidades do usuário.

A biblioteconomia e ciência da informação no Brasil foram fortemente inspiradas no modelo norte-americano, embora os contornos da profissão aqui inserem-se no contexto da nossa economia emergente. Vários especialistas da informação brasileiros apontam as competências requeridas aos profissionais da informação contemporâneo apontando para : conhecimento interdisciplinar e especializado; capacidade de contextualização; capacidade de conceituação; conhecimento da demanda ou do cliente; domínio de ferramentas e de tecnologias de informação; adaptação ao novo, flexibilidade e abertura às mudanças; capacidade de gerenciamento; lidar com contradições e conflitos; relacionamento interpessoal, excelência na comunicação oral e escrita; lidar com as diversas habilidades funcionais; capacidade de aprendizado próprio e de facilitar o aprendizado dos outros; ser ético, proativo,

empreendedor, ter energia, criatividade, consciência coletiva e visualizar o sucesso. (Dias 2004 [28]; Tarapanof, 2002 [29]).

Com o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico dos últimos quinze anos novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, na área não governamental surgiram, propiciando o surgimento de novas denominações da profissão. Desta forma estes profissionais podem trabalhar em locais como: agências de publicidade, departamentos jurídicos de empresas, escritórios de advocacia, hospitais, editoras, bancos, indústrias, provedores de internet, livrarias, emissoras de televisão, jornais, entidades do terceiro setor. Ele pode até ter a sua empresa de consultoria, caso seu objetivo seja o de ser um empreendedor. O bibliotecário atua ainda na organização de acervos e sistemas de informação, na preservação da memória e da história de uma organização, pública ou privada.

Para ilustrar a inserção de bibliotecários como gestores de informação no Brasil, mais especificamente em São Paulo, baseei-me em reportagem da Gazeta Mercantil de 2009 [30] e destaquei o depoimento de três mulheres profissionais da área. A área jurídica é uma das que mais emprega bibliotecários. Na cidade de São Paulo, cerca de 60 escritórios de advocacia empregam aproximadamente 200 bibliotecários como informa a bibliotecária Regina Celi de Sousa, gerente de conhecimento do escritório Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados. O trabalho desempenhado pelo profissional é filtrar as informações de interesse do escritório e dos clientes, mas para isso é imprescindível ter conhecimentos na área. É preciso saber onde buscar as informações, com resultado confiável, que vá agregar valor aos serviços do escritório.

A bibliotecária Emilia da Conceição Camargo, gerente do centro de informações do Grupo Totalcom (*que engloba entre outras empresas a agência de publicidade Fischer América*), defende a expansão desse mercado, pelo fato de a globalização ter levado as diferentes organizações a aprimorarem os seus processos, produtos e serviços. Isso coloca a informação não só como insumo para controle, mas também como um instrumento importante para a tomada de decisões e a busca de inovações. *"Em empresas de comunicação como o Grupo Totalcom, a busca de informação para atender futuros clientes e analisar a concorrência é um ativo. Assim, essas informações estão em sua maior parte ligadas à área de planejamento estratégico, mas também a estudos de tendências e áreas de pesquisa"*, analisa Emilia.

Outra bibliotecária que encontrou nas empresas seu desenvolvimento profissional é Yara Rezende, gerente de informação na Natura, que emprega outros seis bibliotecários e um profissional oriundo da área de marketing. Yara afirma: *"A formação universitária faz do bibliotecário um técnico. Para que ele seja qualificado a trabalhar em empresas, é preciso ter uma mente estratégica, voltada para o negócio, para lidar com as informações, e ter uma sólida formação cultural....Para mim, o importante é ter o acesso à informação, não o acervo, que para muitas empresas pode ser dispendioso. Criei, assim, o que se chama hoje de biblioteca virtual. ... É preciso estar integrada aos processos da empresa, para antecipar informações, antecipar tendências. A informação é válida quando é subsídio para gerar conhecimento"*.

### **O Profissional da Informação e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**

A Gazeta Mercantil na seção Investnews de 15 de mar de 2007 [31] publicou uma matéria de capa intitulada "Bibliotecário, profissão em alta nas empresas" iluminando os novos contornos da profissão na sociedade do conhecimento. A reportagem apresenta as novas denominações da profissão segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) como: bibliógrafo, cientista de informação, consultor de informação, especialista de informação, gestor de informação.

Os profissionais da informação estão codificados na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO – [32] estabelecida no ano 2003 sob o número 2612, formando uma família que compõe:

*2612-05 – Bibliotecário, Bibliógrafo, Biblioteconomista, Cientista da informação, Consultor de informação, Especialista em informação, Gerente de informação, Gestor de informação.*

*2612-10 – Documentalista – Analista de documentação, Especialista em documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação.*

*2612-15 – Analista de informações – Pesquisador de informações de rede.*

Tal classificação busca verificar o grau de equivalência entre as competências da Classificação Brasileira de Ocupações - CBO e as competências essenciais apontadas pelas empresas dos diversos segmentos (serviços, indústria, comércio varejista, atacadista, telefonia, autarquia, instituição financeira), tomando por base a investigação de Gramigna (2002) (apud. FARIA, et.al., 2005) [33], que resultou em cerca de 100 indicadores de desempenho, que, categorizados, tornaram-se passíveis de observação direta e mensuração no período de 1997 a 2000. Conforme

disposto na tabela abaixo, as competências do profissional da informação na Classificação Brasileira de Ocupações e suas correspondências no núcleo de competências exigidas pelas organizações no mercado.

Competências do Profissional da Informação na Classificação Brasileira de Ocupações, CBO  
Competências requeridas pelas Organizações

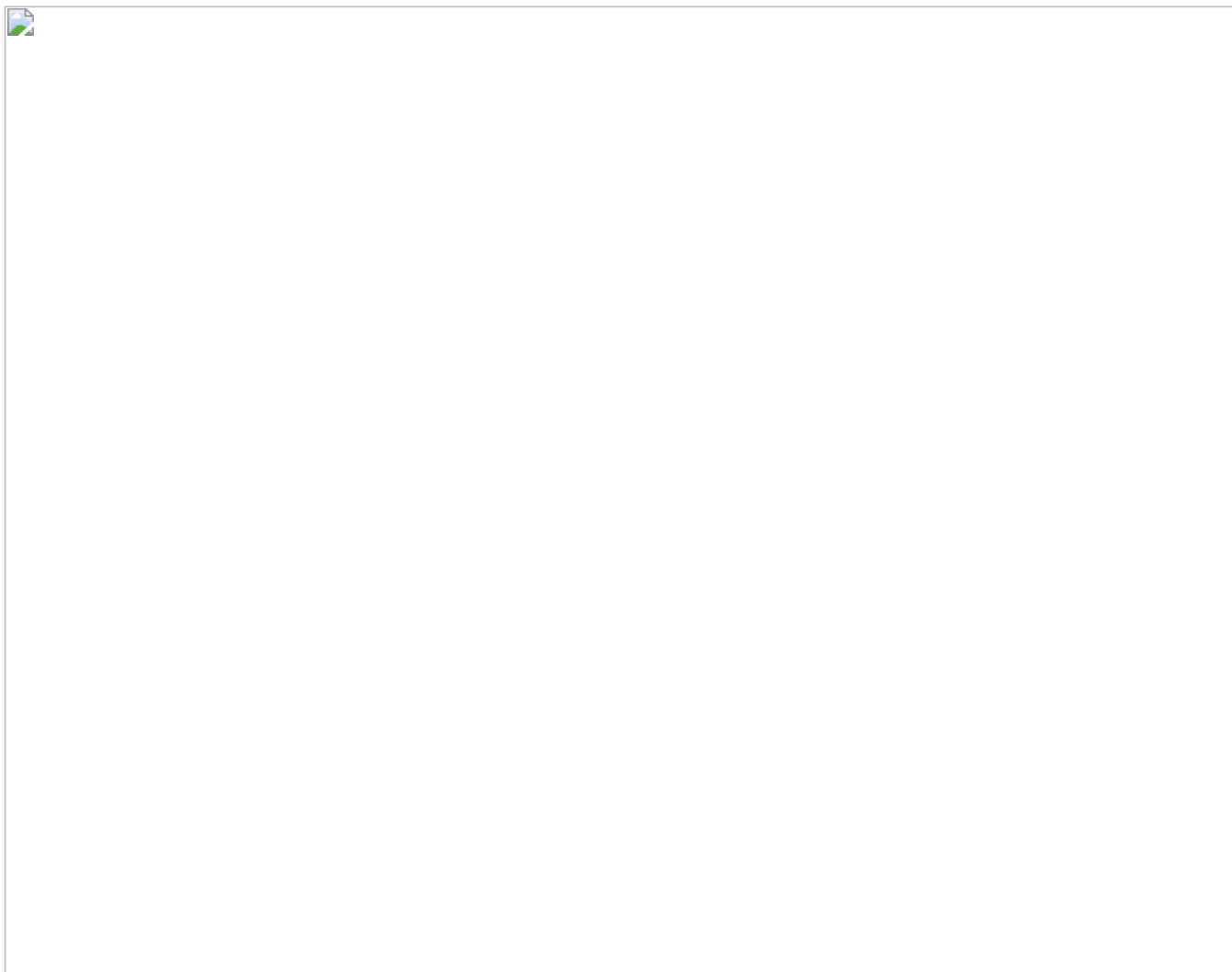


Tabela 1. Competências e suas correspondências exigidas pelas organizações

Diante de tal contexto emerge a seguinte questão: estão as escolas de biblioteconomia brasileiras preparando seus alunos para as demandas que tanto a Classificação Brasileira de Ocupações quanto as organizações apontam como necessárias? Nos últimos vinte anos o mundo ocidental têm vivenciado a transição para um modo de produção totalmente digital, criando profundas rupturas na concepção, produção e disseminação do conhecimento. Desta forma, já se pode falar de uma Geração Net de nativos digitais (*aqueles nascidos a partir de 1994*), desenvolvida no bojo da Internet, com habilidades como adaptabilidade e criatividade. Um dos desafios dos educadores desta nova geração será adequar a grade curricular de carreiras tradicionais ao perfil dessa geração ao conjugar a educação formal, com novos métodos de aprendizagem. É uma geração com enorme potencial transformador e criativo.

Novas Pedagogias incluindo o uso das tecnologias de informação e comunicação em ambientes de ensino-aprendizagem têm orbitado o universo da educação formal e não formal desde meados dos anos oitenta, tendo sido incorporadas com maior facilidade nos contextos da educação a distancia, em especializações e cursos de extensão de caráter não formal nos anos 90 do século XX. A flexibilização do *curriculum* começa, mais recentemente, a permear a grade curricular do ensino médio e universitário.

A fim de possibilitar a imersão dos alunos de graduação e pós-graduação em ambientes virtuais e redes sociais especialmente desenvolvidas para este fim, possibilitando ao professor exercer o papel de mediador e administrador de curiosidades, ao passo que os alunos podem atuar como autores e receptores dos conhecimentos por eles produzido, tanto sozinhos como no coletivo, concebi e implementei (*como atividade de pesquisa acadêmica*) dois portais WEB. Para meus alunos da graduação em Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP está disponível, desde 2002, um portal intitulado [NEXUS – Da Informação ao Conhecimento](#). Neste ambiente virtual encontram-se postadas todas as produções dos alunos em seminários e trabalhos monográficos. Desde 2006 eles podem criar Blogs

para registrar impressões sobre pesquisas e seminários de seus colegas.

No contexto do PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP ofereço a disciplina [Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática](#) que estimula as reflexões dos alunos sobre conceitos e práticas das redes sociais e propõe a produção de um texto coletivo de caráter monográfico. Todas as produções e medições geradas encontram-se ancoradas no portal. A título de exemplo incluo o [vídeo](#) realizado pelos alunos da turma de 2008.

Avaliações qualitativas de caráter exploratório bem como *surveys* quantitativos estão na agenda das minhas orientações em andamento, visando compreender as novas atitudes e novas formas de aprender e construir conhecimento dos alunos mediados pelas redes sociais. Ênfase especial darei a pesquisas sobre os contornos do que hoje considera-se *literacia* informacional. Pessoalmente considero que este conceito deve evoluir para abarcar processos e procedimentos já realizados em disciplinas outras bem como ancorar novos conceitos e práticas. Do acervo ao acesso. Do acesso à *literacia* informacional. Os desafios são muitos....a caminhada é longa e compartilhada...desenhar futuros é incerto mas necessário...nossos alunos merecem aprender para o futuro deles e não para o nosso passado. O vídeo [O futuro das comunicações](#) nos ajuda a tecer futuros e *experenciar* o desconforto do nosso despreparo....

### Referências Bibliográficas

- [1] Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado em Ciência da Informação. Bolsa CAPES - Processo BEX 2116/08-1, envolvendo instituições de ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira e espanhola : Departamento de Biblioteconomia e Documentação (CBD) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e Departamento de Biblioteconomia y Documentación de la Universidad Carlos III de Madrid , campus Getafe.
- [2] Nota Explicativa: O relatório original da pesquisa estruturou-se nos seguintes principais capítulos a seguir nomeados. No Capítulo 2 - A Teia que a Todos Envolve foi desenvolvida extensa revisão da literatura acerca da sociedade em rede e seus atores. O Capítulo 3 - A Web 2.0 e a Emergência dos Coletivos Digitais caracterizou as principais ferramentas da WEB atualmente entre nós, com destaque para as redes sociais e reflexões acerca das transformações e rupturas nos conceitos de autoria e produção do conhecimento tradicionais. No Capítulo 4 - As WebOrganizações e a Gestão do Conhecimento foram introduzidos conceitos de gestão do conhecimento e buscou posicionar o bibliotecário e suas competências para atuar neste contexto. O Capítulo 5 - Metodologia contemplou os antecedentes da pesquisa atual com breve histórico da ciência da informação no Brasil. Decidi também por apresentar alguns dados da pesquisa inicial feita no contexto do convênio Carlos III /CBD/ECA/USP por considerar os resultados da mesma importantes para ajudar a estruturar e entender os resultados obtidos com o estudo exploratório realizado no contexto das organizações transnacionais eleitas no presente estudo que foram Ciudad Financiera Santander, Telefônica e Repsol. O Capítulo-6. O que Nós Aprendemos Até Agora apresenta uma avaliação inicial dos resultados obtidos na fase espanhola da pesquisa de campo e sinaliza possibilidades de futuros desdobramentos .
- [3] PASSARELLI, Brasilina. [Do Mundaneum à WEB Semântica: discussão sobre a revolução nos conceitos de autor e autoridade das fontes de informação](#). DATAGRAMAZERO. Rio de Janeiro, v .9, p. n. 4, 2008.
- [4] CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v.1.
- [5] RHEINGOLD, Howard. The virtual community: homesteading on the electronic frontier. Massachussets:

- Addison-Wesley, 2003 Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/intro.html>> Acesso em: 28 de jul. 2007.
- [6] PASSARELLI, Brasilina. Interfaces digitais na educação: @lucinações consentidas. São Paulo: Editora da Escola do Futuro da USP, 2007. (Conexões Científicas: teses e dissertações).
- [7] 5º Informe Ciber Comportamiento Informativo El Investigador Del Futuro. IN: Anales de Documentacion, n. 11, 2008 p. 235-258. British Library y JISC.
- [8] HERRIGAN, John. A Typology of Information and Communication Technology Users. Washington, DC: Pew Internet and American Life Project, 7 de mayo de 2007.
- [9] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1. (Coleção TRANS).
- [10] LATOUR, Bruno. Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005.
- [11] \_\_\_\_\_. Jamais fomos modernos. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2008.
- [12] BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- [13] CASTELLS, Manuel. Communication, power and counter-power in network society. International journal of communication. Annenberg, CA: v. 1, n. 1, p. 238-266, feb, 2007. Disponível em: <<http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/46/35>> Acesso em: out. 2007.
- [14] RHEINGOLD, Howard Smart mobs: the next social revolution. New York: Perseus Books, 2002.
- [15] PASSARELLI, Brasilina et. al. Atores em rede: subjetividades e desejos em expansão. Revista Logos: Comunicação & Universidade. Ano 16, n. 30, 1º sem. 2009.
- [16] KELLY, Kevin. Web Summit 2.0. San Francisco/CA, nov. 2008. Disponível em: <http://www.web2summit.com/web2009> Acesso em 24 ago. 2009.
- [17] WEINBERGER, David. Everything is miscellaneous: the power of the new digital disorder. New York: Time Books, 2007.
- [18] Fonte: Disponível em <http://www.oesp.com.br>. Acesso em 25 nov. 2008.
- [19] CRUZ, Renato. O Brasil no ranking de tecnologia. São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.oesp.com.br> Acesso em 27 fev. 2009.
- [20] HEATON, L. & TAYLOR, J.R. Knowledge management and professional work: a communications perspective on the knowledge –based organization. Management Communication Quarterly, vol16, n10. p. 210-236. 2002.
- [21] LAVE, J. & WENGER, E. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge, UK: Cambridge, University Press, 1991.
- [22] NONAKA, I. & TAKEUCHI, H. The knowledge creating company: how japanese companies create the dynamics of innovation. New York: Oxford University Press, 1995.
- [23] BEIGUELMAN, Giselle. Admirável mundo híbrido. In: BRASIL, André et. al (Orgs.) Cultura em Fluxo (novas mediações em rede). Belo Horizonte: Ed. PUCMinas, p. 264-282, 2004. Disponível em: <[www.pucsp.br/~gb/texts/cibridismo.pdf](http://www.pucsp.br/~gb/texts/cibridismo.pdf)> Acesso em: 27 de ago. 2007.
- [24] MCGEE, J. V.; PRUSAK, L. Gerenciamento estratégico da informação: aumente a competitividade e a

- eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- [25] PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. The Core Competence of the Corporation. Harvard Business Review, p. 3-15, May/June, 1990.
- [26] ASSOCIATION FOR INFORMATION MANAGEMENT. Consultancy publications: the guide to competencies for European professionals in library and information services. Disponível em:  
<http://www.aslib.co.uk/pubs/2001/18/01/aptitudes.htm> Acesso em: 02 jun.2004
- [27] AVERY, Elizabeth Fuseler; DAHLIN, Terry (Ed.). Staff development: a practical guide, 3. ed. Chicago: ALA Editions, 2001. Disponível em: [http://archive.ala.org/editions/samplers/sampler\\_pdfs/avery.pdf](http://archive.ala.org/editions/samplers/sampler_pdfs/avery.pdf). Acesso em: 26 jan. 2006.
- [28] DIAS, Maria Matilde Kronka et al. Capacitação do bibliotecário como mediador do aprendizado no uso de fontes de informação. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 2, n. 1, p. 1-16, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.unicamp.br/bc> Acesso em: 26 jan. 2006.
- [29] TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. [Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação](#). DataGramaZero: revista de ciência da informação, v. 3, n. 5, out. 2002.
- [30] CRUZ, Renato. NeoReader e os impressos digitais. Jornal O Estado de São Paulo, Seção Internet. São Paulo, 15 nov, 2008. Disponível em: [www.oesp.com.br](http://www.oesp.com.br) acesso em 15 nov. 2008.
- [31] LOURDES, Rodrigues. Bibliotecário, profissão em ascensão nas empresas. Jornal Gazeta Mercantil, Caderno C, pg. 9, 2009. Disponível em: <http://indexet.gazetamercantil.com.br/arquivo/2007/03/15/361/Bibliotecario,-profissao-em-alta-nas-empresas.html> Acesso em 11 out. 2008
- [32] Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Estabelecida no ano 2003 sob o número 2612. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf> Acesso em: 24 ago. 2009.
- [33] FARIA, Sueli et al. Competências do profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n. 2, ° 26-33, maio/ago. 2005.

**Sobre a autor / About the Author:**

Brasilina Passarelli

[lina@futuro.usp.br](mailto:lina@futuro.usp.br)

Professor Titular e Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP.